ANNO 3.º — Sabbado, 5 de março de 1910 — Numero 107

O DEMOCRATA

PROPRIEDADE DA Empreza do «DEMOCRATA»

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

DIRECTOR—Arnaldo Ribeiro

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO Rua Direita n.º 108

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Brazil (anno) moeda forte	2$500 »
Avulso	20 »

Composto e impresso na Typ. Minerva Central de Jose Bernardes da Cruz

RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS

Por linha (segunda e terceira pagina)	40 réis
Quarta pagina	20 »

ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

CORJA!

E' preciso que o paiz saiba que a cidade d'Aveiro não é nem se torna solidaria com o miseravel bandido que hoje tem por missão unica desacreditar os seus homens mais eminentes.

Quem com elle está, o applaude e incita, é a ralé baixa, a escumalha repellente, a corja indigna, que nada representa, nada vale, nada inspira.

São precisamente, na sua grande maioria, aquelles que elle defeniu por um bando de pulhas e garotos.

DEFEZA NACIONAL

Leigo em assumptos militares, nem sequer pensando em profunda-los, dois motivos me obrigariam, entretanto, a nelles attentar quando a simples qualidade de cidadão português a isso não bastasse, como succede aos 99 % de portuguezes que dos interesses patrios não cuidam, —guardar uma cadeneta de rezervista e possuir um diploma de atirador civil.

E como estes dois motivos claramente naquelle se originam sem custo se chega aconcluir de que por outra razão ne não preocupa o problema militar se não porque eu seja um cidadão. Assim, com vaidade o diga, desejaria eu que a todos os portuguezes elle preocupasse, ao menos nelle superficialmente reparando e deixando aos technicos o seu minucioso estudoe resolução precisa.

O vergonhoso e criminoso estado a que se tem deixado chegar a obra de defeza nacional, terrestre e maritima, acha-se já consagrado num conceito vulgar que todos repetem—não temos exercito e não temos marinha. Este juizo que parecerá á primeira vista deprimente só para os nossos militares de terra e mar, não o é porque offenda os seus brios de profissionaes, mas porque offende com os seus e nossos, os de todos os portuguezes.

Não o juizo em si cujo exagero todos comprehendem e desculpam, mas unicamente a verdade amarga que nelle se expressa amargamente.

Nós possuimos simplesmente homens, unidades de merecimento incontestavel, de valor no seu isolamento, isso é a nossa ufania e a nossa esperança; mas um exercito de valor e merecimento, como força apreciavel na guerra das nações é que não possuimos, nem mesmo como garantia da integridade territorial, o que todos reconhecem, leigos e intendidos, e isto é causa não do nosso desalento, mas uma das causas da nossa intima revolta.

*

E' axiomatico que com a manutenção da força militar, nós não podemos ter mais nada em vista que a asseguração da nossa defeza, pois que o papel que desempenhamos de pequena potencia no concerto internacional e a nossa debilidade interna nos tornam vedadas as aspirações de hegemonia em que rivalisam, por exemplo a Inglaterra, Allemanha e França, ou mesmo as veleidades politicas de expansão, preponderancia e de conquista ainda, que muitas das outras nações ruminam sob o carrêgo da paz armada.

Sob este ponto de vista não ha dois portuguêses com opinião differente e nem a reconstituição do exercito português, obra que só a Republica poderá realisar, e que ha de ser realisada brevemente pela Republica, poderia vizar a conquistar um valor effectivo com semelhante fim. Só o pensar em tal, como louco sonho resalta.

Do que se necessita não é pois de uma força aggressiva, mas simplesmente de uma força deffensiva, mas esta real, ponderavel e valiosa.

Nós não temos só a defender o continente; temos a defender as colonias e especialmente para este desideratum carecemos de uma bem organisada e adequada força naval de guerra e de transporte, e nem dum nem doutro genero a possuimos, infelizmente.

Que marinha não possuimos nem para esse nem para outro fim util, todos o sabem e o incidente com a China bem o está provando.

E por hoje neste assumpto me quedarei.

Em Macau temos nós presentemente tres navios o *D. Amelia*, *Vasco da Gama* e a *Patria*, dos quaes só o ultimo, nas peiores condições hygienicas, presta serviços. O *D. Amelia* está soffrendo um carissimo fabrico, pois chegou seriamente avariado e não poderá sair tão cedo dos estaleiros de Hong-Kong. Nos mesmos estaleiros se acha o *Vasco da Gama* com toda a sua tripulação que não tem os paioes com provisões de guerra bastantes e cujo canhão de 20 c. m. O. B. B. saíu de Lisboa já avariado e não pode fazer fogo em semelhantes condições.

A velha canhoneira *Rio Lima*, calhambeque inutil anda... em praça, para com o seu producto se pagar o concerto do *D. Amelia*, mas o lanço é um escarneo para nós.

De modo que se a China se lembrasse de nos atacar, o desastre seria inevitavel.

De que nos valeria termos em Macau um heroico Roçadas, valentes marinheiros, briosos e patrioticos officiais? Por acaso a bravura do soldado moderno valerá só por si, desajudada de armamentos e materiais aperfeiçoados e perfeitos?

Não. Bons marinheiros tinha a Espanha e os Estados Unidos os destroçaram com o formidavel alcance e poder da sua metralha. Bons marinheiros possuimos tambem nós, filhos ainda daquelles marinheiros que serviram sob as ordens dos Gamas e dos Albuquerques e ninguem no mundo dirá que elles sejam inferiores, comparaveis mesmo, aos marinheiros chinezes. Pois a China na lucta comnosco, que necessariamente seria naval, por certo nos derrotava, pois nós nos achamos em condições manifestamente inferiores ás do irrisorio Celeste Imperio, com a sua irrisoria marinha que quasi egual á nossa pelo numero de navios, é consideravelmente superior á esquadra portuguêsa pela sua velocidade e alcance, como já neste jornal em tempos se mostrou, não fallando nas condições do theatro da guerra, para nós deploraveis por falta de estaleiros e arsenais no oriente onde se fizessem as reparações indispensaveis depois de um combate, ainda que ligeiro.

Nas colonias não temos forças navais que se possam deslocar para Macau e eis como nos achamos sugeitos a soffrer a vergonha e o desastre tremendo de uma derrota infligida pelos chinezes—pungente sarcasmo!—que teria como consequencia a perda da colonia, derrota mais vergonhosa ainda que a do Cunene, porque seria irreparavel e nos collocaria na mais deprimente das situações perante o mundo culto.

Esta a bella obra de defeza colonial e de organisação naval e militar do regimen, que em 19 annos depois do Ultimatum não teve ainda tempo para mais, para não levarmos em conta os 80 annos de sua vida de onde as sombras do Columbine, do Charles e George e do Ultimatum ainda hoje se erguem como espectros de humilhações e ultrages.

*

Divergindo as opiniões sobre o plano de reorganisação naval, no que todos sám concordes, se não estou em erro, é na necessidade immediata de uma esquadra de navios pequenos rapidos e bem providos que possam fiscalisar e defender as costas coloniais e continentais, com bons typos de torpedeiros e destroyers, pois a acquisição de couraçados, grandes cruzadores, ou bons dreadnoughts, altamente custosa, ser-nos-ia impossivel, talvez, logo no principio da reconstituição economica e financeira a que a Republica tem de proceder e com cujas difficuldades tem de luctar sériamente nos seus primordios, como consequencia do descalabro a que isto chegou e em que de dia para dia mais se afunda.

Pense-se pois, por emquanto, no absolutamente imprescindivel e na forma de mais rapidamente se remediar a situação que o regimen nos tem creado deixando a fronteira aberta á Espanha e a costa e as colonias patentes ao primeiro couraçado que nos queira bombardear, á primeira esquadra de 2.ª ordem que nos queira bloquear ou ao primeiro comboio naval que aí tente um desembarque de tropas, desta sorte inevitavel.

Combinando assim a defeza movel com uma boa guarnição costeira de artilharia e minas nos portos e locais favoraveis a um desembarque ou a um bombardeamento, e com uma boa linha de defeza da capital, pelo menos, nós poderiamos conseguir estabelecer uma defeza que quando nos não assegurasse a resistencia a um longo bloqueio de uma esquadra de altos potentados em que nos vissemos eavolvidos, nos garantiria pelo menos o territorio contra um desembarque forçado, uma investida da esquadra inimiga ou nos defenderia seriamente em caso de bombardeamento da costa emquanto o auxilio de alliados na contenda não chegasse.

Todos conhecem a mizeravel situação em que nos achamos, com os tres velhos torpedeiros, as baterias da capital e o castello do Queijo no Porto, cuja resistencia por certo não é hoje maior do que no tempo das investidas constitucionais. A costa está inteiramente desguarnecida.

Entretanto o bom burguês, fleugmatico e obeso que por esse paiz fóra nos anda difamando de mãos dadas com os jesuitas, que tem por patria o interesse e por patriotismo o ventre, e que só se preocupa com assumptos militares quando tem de metter as empenhocas para livrar o afilhado das correias ou quando vê o socego das digestões suinescas em risco, este burguês poltrão e mefitico que passa a vida a reclamar ordem para saciar o estomago e que de quando em vez reclama o soldado para lhe guardar o gamello como fiel cão a que elle atirará os ossos, se lêr este meu artigo, o que não espero, ou se nestas minhas cogitações lhe fallarem, terá para os que com tal se preocupam um *ora adeus* expressivo que facil se torna interpretar.

Esse burgues beato por interesse e conservantismo, mordomo de todas as festas e irmão de todas as confrarias, que lê o jornal para se pôr ao facto da intrigalhada politica em que o paiz se esfacela, mas que nunca o leu para meditar sobre um serio problema nacional e que nunca reflectiu durante um momento na situação do nosso paiz perante os potentados em lucta, que nunca se interessou pelo destino das nossas possessões e que nunca teve a menor ideia sobre politica internacional porque para elle o conceito de politica se resume na lucta travada na parvonia donde nunca saíu, entre o conselheiro, o doutor, o influente e o administrador; este burguês ridiculo e parvalhão julga inverosimil um ataque ao continente por parte do estrangeiro, e por nossas previsões não hesita em nos apellidar de doidos cagarolas.

Certamente que se os arreceios se lhe afigurassem concretamente fundamentados ou se a Havas, num amanhecer somnolento lhe annunciasse que uma esquadra se dirigia para a costa portuguêsa com intuitos agressivos e que um exercito nos apertava pelas fronteiras, esse burguês estupido saltaria então á rua berrar que mandassem tropas ao encontro dos invazores e que mettessem no fundo com tiros certeiros os navios inimigos, porque corria

risco de lhe tallarem o trigo na quintarola ou de lhe entrar pelo tecto abaixo um projectil explosivo. Seria então occasião de se lhe perguntar onde estava a defeza organisada pela Ordem que ella contra nós defendeu.

E o burguês aterrado, beijando os bentinhos, só nos diria que *foi o diabo*.

Sim o diabo é elle, que mesmo conselheiro, auctoridade, deputado, ministro ou visconde nunca teve um pensamento, uma palavra, um gesto de salvação nacional, de regeneração patriotica; sim o *diabo*, o flagelo é elle que nunca teve um pensamento, uma palavra, um gesto de revolta contra este charco infecto, esta orgia, este abandono, este descalabro em que se vêm extinguindo a nossa vida!

Mas como a Patria não ha de ser redimida pela pança resfolgante dessa burguesia devorista e palerma, mas sim pelo braço heroico, pelo sangue rutilo, pela alma luminosa e esforçada dos genuinos portuguêses, povo instruido e educado feito exercito, exercito valoroso, unido e forte, votado resolutamente á redempção da Patria, sigamos nós pensando, sem attender nos que ao nosso lado grunhem e procurando interessar na obra de rehabilitação todas as inergias aproveitaveis da nacionalidade portuguêsa.

Alberto Souto.

P. S.—Ha tres semanas já, demoram longe de mim as considerações de ordem geral que acima deixo, esperando um naco de espaço em que podessem caber. Neste comenos D. Weiller proferiu em Barcelona a frase a que a nossa imprensa se tem largamente referido.

Foi-me tám grato observar que as minhas cogitações antecipadas tinham palpitante actualidade e razão de ser por chamarem attenção para o urgentissimo problema da nossa defeza, quanto amargo aos meus sentimentos patrioticos foi constatar, mais uma vez, a iminencia dos perigos a que o paiz se acha exposto, a mizeria em que nos debatemos, a decadencia a que chegâmos e o acerto dos nossos arreceios.

D. Weiller, diz-se, desmentiu a frase.

Nem por isso a frase deixa de subsistir, porque ella é indiscutivelmente hoje uma frase espanhola, uma frase de ha muito, como provarei, não de Weiller pessoalmente, mas de todos os weillers castelhanos que perderam Cuba, que perderam as Filippinas e que experimentaram as vergonhosas derrotas de S. Thiago e Cavite como consequencia da desastrada politica dos Canovas e dos Sagastas, que á mizeria tambem teem arrastado a nação vizinha sob o mesmo regimen execrando.

E mais profunda magua me causa o vêr que a essa simples frase nós não temos mais que oppôr se não o peito despido e nú dos nossos soldados valorosos.

Porque, por mais valorosos que sejam os peitos, elles são de carne e a carne é couraça bem tenra, fortaleza bem platonica para oppôr á força perfuradora das grandes baterias modernas das collossais Cannets, dos prodigiosos Schneiders, que não espalham poesias na furia giroscopica dos seus temiveis projecteis.

Em mais dois jornais do paiz me occupo hoje de tám gravissimo assumpto; neste em sequentes artigos alinharei mais elegias desta Patria moribunda, que em tempos cantou epopeias de gloria.

A. S.

«Club Mario Duarte»

Dizem-nos que foi assaz concorrido e animado o baile que na quarta-feira da *Micarême* teve logar nas salas d'esta importante agremiação sportiva e no qual concorrem as principaes familias de Aveiro.

O Xandre

Cá o tivemos de novo na penultima sexta-feira a defender, no tribunal, o *Pulha de Aveiro*.

E' sempre bem vindo a esta terra o illustre luminar e fogoso caudilho monarchico, que na Fogueira, como no Parlamento, nas audiencias como em toda a parte onde abre a bocca, é escutado com a attenção maxima dos auditorios, não vá perder-se um ceitil que seja das suas incomparaveis orações que o teem tornado celebre entre os mais celebres *Tlins* do mundo.

Nós, por acaso, ficámos defronte d'elle, bem visivel e ao alcance das suas arremettidas, mas nem por isso deixaremos de o considerar com os seus amigos e correligionarios no progressismo estomacal, como um dos primeiros, senão o primeiro orador da peninsula... a principiar por Estarreja.

Sim senhor. Aquillo é que é talento! Aquillo é que são convicções arreigadas á monarchia! Aquillo é que foi um discurso d'arromba que deixou toda a gente abismada, embasbacada, perplexa!

Principalmente quando *Xandre*, para defender o seu constituinte a quem o dr. Carlos Amaro deixou a escorrer sangue, se permittiu a liberdade de nos chamar *insignificante* julgando, talvez, o imbecil, que com isso nos offendia!

Não *Xandre*, não nos offendeste nem será facil offenderem-nos por esse lado. Nós somos *insignificante* realmente. Para isso basta não termos dinheiro, vivermos do nosso trabalho. Valor tem-no tu e os que á tua roda andam a applaudir os chocarrentos discursos com que tens a pretenção de *aniquilares* o partido republicano. Valor tem-no, em Aveiro, o *Mijareta*, o *Rainha*, o *Fressura*, o *Chico Rocha*, o Correia, o *Saragoça*, o Domingos Campos e tantos outros que por estes se nivellam e que *passam os dias todos os dias diariamente*, como diria o ultimo, a estudar, a pensar, a cogitar sobre a melhor maneira de serem uteis á terra e ao paiz. Esses sim, esses é que teem valor, o valor que lhes nasce da intelligencia e que os torna por isso os primeiros intellectuaes no meio em que vivem.

São como tu,—oh! *Xandre!* —incomparavel *Xandre*, uns verdadeiros portentos. Ainda os havemos de ver teus collegas na camara dos deputados. Ainda os havemos de ver condecurados e talvez, — quem sabe?—elevados pela monarchia até aos conselhos da corôa. Teem capacidade para isso e para muito mais. Além de que são conscientes e pessoas d'uma só cara. Nunca conheceram conveniencias. Foram sempre o que são hoje. Como tu, *Xandre*, e muitos outros, de cujo passado todos se lembram e nós melhor do que ninguem.

Ora esses, como vinhamos dizendo, é que teem valor.

Esses e o Christo que elles applaudem agora depois de lhe terem cuspido e de terem mostrado e feito propaganda em toda a parte da sua moralidade. Do mesmo Christo que se fartou de insultar aquelle de quem se diziam amigos e a quem consideravam como chefe politico e espiritual.

D'esse repugnante Christo, d'esse miseravel Christo que um dia teve a audacia de dizer que as armas d'Aveiro deviam ser substituidas por um *corno e uma ferradura!*

Xandre tiveste razão. Insignificante somos ao pé d'essa magna caterva sem escrupulos e sem vergonha que, triste é dizel-o, transformou por completo esta terra com tão gloriosas tradicções, n'uma terra de corrupção e de bandalheira como outra, certamente, não existe.

A apostasia attingiu o auge, a desvergonha não pode ser maior nem mais profunda. E' vêr como a malandragem está toda unida e mancomunada para combater o unico partido que lhe faz frente porque a não deixa chegar onde talvez tenha vontade de ir. A cidade de Aveiro desceu até ao ultimo ponto, repetimos.

Mas não ha de ser sem um grande brado de protesto saído da nossa insignificancia, *Xandre*, que ella ha de desapparecer de vez no lodaçal em que a pretendem enterrar.

Fica d'isso certo. Tu que te [illegible]ns na conta d'um *talentoso* deputado da nação, *orador fluente* e *jornalista distincto*... mas que no fundo não passas d'um simples bacharel de monoculo, petulante, pretencioso e arrangista, como todos os que ainda quebram lanças pelos governos da monarchia.

Um general ao arrepio

Uma celeuma enorme, uma tempestade n'um caco das gallinhas! E porquê? Por uma razão muito simples que pômos em pratos limpos emquanto o diabo esfrega um olho! O sr. João Correia, general equiparado que já esteve em Africa e onde o seu nome é ainda hoje assaz lembrado, homem com pouco dinheiro e muito vagar e não menos presumpção, com uma ponta de genio algum tanto *farol*, lembrou-se no principio do anno lectivo de concorrer a uma cadeira no lyceu, porque, como já dizia Gil Vicente—*a fome é negra e a bocca não tem fiador.*

Não foi, porém, feliz na sua pretenção, porque o não podia ser. Perdida, pois, a esperança dos 30$000 réis mensaes, ganhos aqui ao pé da porta, estragou-se-lhe o sangue com semelhante *desconsideração* á sua sciencia e probidade de que tanto reclama, porque, *chança e agua benta, cada um toma a que quer*, como dizia o Zé Forqueta, e ahi começa a extravasar a bilis do seu descontentamento, do alto das suas dragonas, *terrivel, aziumado*, porque, como já dizia *D. Caurispio d'Annunciada*, —*ellas não matam mas amolentam e quem a não gramou tem que a gramar*, no dizer do policia, na revista do *A B C*.

Forneceram-lhe cartuxos de polvora secca, e, d'outiva, o que não é serio, sem o criterio e ponderação que muito bem se ajustavam á sua edade e cathegoria de general, eil-o em campo, fazendo *ché fré* para a direita, *ché fré* para a esquerda, como quem vem á estacada, levado mais por um sentimento de vaidade e despeito do que pelo zelo e dedicação que lhe possam merecer as cousas da instrucção, pois como disse Tolentino—*quem se desvia da silva esbarra no tojo, quem foge do cavallo do Frei espeta-se no cantil de D. Pedro.*

Postas as cousas n'este pé de guerra e sem mais preambulos começa o homem proligando os mestres, dizendo que no lyceu ha bernardos e incompetentes, que está tudo a pedir camartelo, que vae uma vergonha por esse paiz fóra, sem se lembrar de que Christo já n'outro tempo dizia que—*ha vozes que não chegam ao ceu e quem ganhasse que se risse e quem perdesse que se... aguentasse*. Ora, sr. general João Correia, sempre lhe diremos, e não sei de nojo como o conte, que é altamente deprimente para o seu caracter e um desprimor para a sua farda de general equiparado, confrontar o seu procedimento d'hoje com a sua attitude no principio do anno lectivo, batendo á porta do lyceu, pedindo camaradagem com os *bernardos e incompetentes*, por causa dos 30$000 rs. mensaes que não valem a figura que está fazendo pois, como dizia a Maria da Fonte, grande heroina d'esta terra, *ninguem as calça que as não suje e a vontade de comer faz a espinha torcer.*

Mas, encurtando razões e para não fruirmos a facil victoria de o desbancarmos em citações gallegas e hebraicas, *porque a vaidade não entra no ceu*, no dizer de S. Thomaz, sempre arriscamos mais *esta* para calmante dos seus nervos, de que fará uso se tanto lhe aprouver: vá repousando á sombra dos louros d'alguma praça conquistada, misture a paciencia com a falta de dinheiro para a vida lhe ser mais suave, não espingardeie tanto que na sua edade o fogo não poderá ser muito certeiro, porque *quem andou não tem p'ra andar e dos aflictos é o reino dos ceus*, escreve S. Lucas.

Não falte a paradas e reuniões onde possa exhibir a sua farda de general equiparado, e não se importe que outros pisquem os olhos ou mostrem sorrisinhos disfarçados quando o virem todo aprumado n'aquella pose e elegancia que lhe ficam a matar, embora por approximação.

De resto deixe correr o mundo; *é fugir ao dever que a paga é certa*, nada de inqueritos, porque *quem tem telhados de vidro não apedreja o do visinho*, como diziam S. Caetano e seu irmão o Gregorio fardado.

E tem não vem fóra de fio e tem aqui excellente encavadouro aquelle dito da celebre Manêta: *cão que ladra não morde e quem muito falla muito erra.*

E, por hoje, ponho ponto, sr. general, n'esta minha erudição de Bandarra, bebida no almanak das pêtas com que costumo espantar os lapuzes e, por causa do quebranto, termino, fazendo o gesto de S. Francisco de que usa muito o primeiro sargento da minha companhia, quando lhe apparece pela prôa algum massador de profissão como este.

Galucho.

«O julgamento de sexta-feira foi uma sevéra, mas justa, exauturação do partido radical e dos seus chefes, cabendo as honras d'esse acto politico, da maior importancia no momento historico que estamos atravessando, a Alexandre d'Albuquerque, a quem cordealmente abraçamos.»

(Da *Beira Mar.*)

E' certo. E para isso concorreu apenas esta tirada do famoso *Xandre* deante da qual toda a gente fica de coras: **Só ha direito de fazer uma revolução quando se triumpha!**

Arre, que já é ter talento...

APOSTATAS

«Escreve-nos alguem, que não conhecemos, a perguntar-nos se o auctor do manifesto dos republicanos de Aveiro, publicado em 1892, é o lindo *Mijareta*.

Não é.

O lindo *Mijareta* ainda n'esse tempo era um megino.

Mas, já que falaram no lindo *Mijareta*, não será asneira nenhuma vêr o que elle dizia tambem, como **republicano encarniçado**, não em 1892, mas em 1898. E fica-se com uma idéa exacta do **valor moral** de todos os corypheus do franquismo, na localidade.

Jayme Duarte Silva, bacharel formado em direito, homem de varios meritos e virtudes, fundou n'esta cidade um periodico republicano, em 1898, intitulado *Jornal de Aveiro*. Ora no numero 4 d'esse semanario, de 20 de março do referido anno, dizia o illustre bacharel, a proposito de umas palavras proferidas na camara pelo então deputado Luciano Monteiro:

«O tribunal popular que um dia se ha de reunir, não dá effectivamente meias sentenças: **dá a absolvição ou a morte!** O que faltou ao sr. Luciano Monteiro foi a certeza nas suas palavras. Esqueceu-se de dizer que Deus não quer, que Deus não póde proteger **malandris e traidores:** que Deus, se existe, tal como o apregoam, é bom e justiceiro.

Faltou, pois, ao sr. Luciano Monteiro dizer que o tribunal popular revolucionario se tem de reunir mais tarde ou mais cedo, e então decidirá em ultima instancia da sorte d'esses **corruptos que, cheios de hypocrisia, cheios de interesses e de ambições**, cavaram a ruina de Portugal, **levando-o ao abysmo.**

De resto são boas as suas palavras.

De resto o que disse é conceituoso e verdadeiro.

E foi dito com consciencia, porque o deputado da minoria sabe, tão bem como nós, que todos esses actos que se veem praticando ha quasi meio seculo, que esse modo porque se tem governado em Portugal, levando-o ao descredito e á insolencia, **é uma série ininterrupta de crimes, de audiciosos crimes** que pedem a pena ultima, que pedem a decisão serena e fria do Povo que só não sabe á victima pacifica d'este estado de cousas, d'esta forma de governação **corrupta, vil, malevola e indecente!**

Do Povo que tem dormido!

Do Povo que acordou!»

Julgava elle que tinha accordado. Acordar o povo era dar papa ao illustre bacharel. Vinha a Republica e a Republica não podia ser ingrata com os *seus filhos*. Mas como o povo *não accordou*, o illustre bacharel não esteve com mais aquellas: passou a fazer causa commum com **os corruptos que, cheios de hypocrisias, cheios de interesses e ambições, cavam a ruina de Portugal, levando-o ao abysmo;** com os que teem commettido uma **série ininterrupta de crimes, de audaciosos crimes que pedem a pena ultima.**

Eis os homensinhos com os quaes João Franco se propõe salvar o paiz!

Eis os homensinhos que José Estevão, segundo o famoso Luiz de Magalhães, abençôa da immortalidade!

E fica o resto, o melhor! para outra vez.»

O que ahi fica, com commentarios e tudo, é transcripto do *Povo de Aveiro*, hoje de mãos dadas com o *apostata* de quem recebe elogios no *jornal monarchico* de que é director.

Que os aveirenses avaliem bem da moralidade d'ambos e

nos digam depois se gente d'esta ordem se póde tomar a serio.

Sucia de exploradores!

Obras camararias

Pelo visto, o sr. Gustavo Ferreira Pinto, teima em levar para deante o prolongamento da *Avenida Araujo e Silva* seguindo o mais detestavel de todos os projectos e sem attender ás constantes reclamações que lhe foram feitas no sentido de se conseguir obra limpa e asseada, como já era tempo que se fizesse.

Não anda bem o sr. Gustavo, mais uma vez lh'o dizemos, e com bastante magua, porque desejávamos vêr o seu nome ligado a qualquer coisa bôa e util e não ás porcarias, ou pouco menos, que ahi se teem feito. Mas, sua alma sua palavra.

Emquanto a nós cumprimos o nosso dever, protestando. E ninguem nos pode acoimar de despeitados porque não temos terrenos a expropriar nem tão poucos favores ou pretenções a deferir por s. ex.ª.

. . . .

Nunca! Os homens d'esta terra não pódem estar ás ordens do *Mijareta* e que taes.

Do *Mijareta!*

Isto é a **ultima das ignominias**. Isto não é uma decadencia. Isto é uma verdadeira bandalheira.

A's ordens do *Mijreta!*

Acordemos e peguemos n'um pau.

Vamos lá, que **os garotos** chegaram a um atrevimento sem egual.

Vamos a isto, que é inadiavel e urgente.

Já é vergonha tanto homem estar de braços cruzados deante de meia duzia de **garotos atrevidos.**

(Do *Povo de Aveiro*).

Carta

Sr. director de «O Democrata»

Por mais que protiste lançar ao desprezo que merece, o covarde director de *O Povo de Aveiro*, eu não posso deixar de erguer alti-sonante e clamorosa a voz potente da Justiça, o gladio santo da Verdade, para verberar as torpezas do republicano renegado Francisco Homem Christo, d'esse assalariado do Clericalismo que, roido pelo vil despeito, espicaçado pela ambição (auri sacra fames), hora a hora vem mordendo, com a baba peçonhenta da calumnia, os seus antigos correligionarios, cujo unico crime foi haverem-se prestado ao papel ridiculo de dispensarem a um *ambicioso vulgar*, sem talento e sem virtudes, a consideração que é de justiça apenas tributar a *cidadãos de brio e de dignidade*.

Homem Christo com palavrões obscenos, vocabulos grosseiros, proprios dos recintos mais escusos, por onde pululam a *embriaguez* e a *crapula soial*, cada semana que passa, vae arremessando a lama immunda em que chafurda, á face honrada dos que o arrancaram da mediocridade, ou por outra, da *singela nullidade*, obscura e desvaliosa, em que vivia, e para vergonha do *Povo Portuguez*, ou melhor, dos *Sugadôres do Sangue do pôbre povo portuguez*, essa *folha volante* indecorosa e *miseravel*, deshonra da imprensa portugueza, é lida por forma a garantir ainda ao desqualificado, que a dirige, os lucros bastantes para a fazer circular.

Ah! sr. director do *Democrata*, é bem certo que a nossa querida patria está em decadencia, e só um repellão forte, brusco, sagrado e redemptor, será capaz de salva-la do abysmo tremendo e fatal, para o qual ella vae avançando em correria desordenada e louca!

D'esse repellão na gente adormecida, pelo analphabetismo e pela oppressão, de todos os recantos de este torrão luso ha-de brotar luminoso e heroico o bello movimento insurreccional que a *Christos* e a quejandos ha-de obrigar a morder o pó da terra que atraiçoaram, vil e torpemente.

Esse dia ha-de chegar, estou por certo, e livre da infame corrupção d'esses mizeraveis, Portugal caminhará para o resgate e para a Gloria.

Lisboa, 3—2—910.

F. A. C.

O sr. Jayme Lima

O infeliz *Xandre*, porque não passa d'um infeliz todo aquelle que se não conhece julgando-se a si em vez dos outros o julgarem, disse no tribunal em resposta ao brilhantissimo discurso do dr. Carlos Amaro, na parte em que se referiu aos insultos que o pasquim do Christo em tempos publicou contra o nosso illustre patricio, sr. Jayme de Magalhães Lima, que o seu constituinte **nunca** havia atacado o sr. Jayme Lima, por quanto só lhe chamou um dia *mau politico* e isso é a expressão da verdade.

Só *mau politico* hein? *E garoto, ordinario, réles, vilão miseravel, canalha, trapaceiro, pulha, bandalho*, não lhe teria chamado? E nunca teria dito, o infame, *que nunca considerou Jayme Lima um homem de valor, intellectual ou moral, combatendo-o sempre?*

Não serão, por ventura, do pasquim estas palavras?: *Jayme de Magalhães Lima é, pois, chefe d'um bando de pulhas e garotos. Sempre o foi. Com elle viveu sempre intimamente. Tivemos a ingenuidade de pensar que Jayme de Magalhães Lima não fosse mais que reaccionario e poltrão. Mas ligando agora tudo vê-se que tem sido sempre tão ordinario e tão réles como os outros.*

Ah! *Xandre!* ah! heroe, que déste patada. Lê o pasquim, se é que sabes lêr.

E depois torna cá a vir lançar poeira aos olhos dos *ingenuos*, que elles te dirão:

Applausos has-de recebe-los e o safardana que vieste defender, mas é do *bando de pulhas e garotos* que por bem conhecido do pasquineiro se não confronta.

Da gente honesta e digna da cidade, não, não e não.

Só do **bando de pulhas e garotos.**

O correspondente d'Aveiro para o jornal o *Porto* escreveu que o Christo e o *Xandre*, depois do julgamento, foram acompanhados até á casa d'aquelle por uma *grande multidão*.

Teve bom olho.

Quando o Chico Rocha, o *Mijareta*, e quatro policias já valem por *uma grande multidão*, francamente que não sabemos o que seja gente.

D'aqui a mais até é preciso alargar as ruas...

Descanço semanal

A classe dos caixeiros em virtude dos abusos que estavam sendo praticados por alguns patrões que obrigavam a encerrar os seus estabelecimentos ao domingo, deliberou e poz emprática uma rigorosa fiscalisação para que a lei seja cumprida rigorosamente como n'outras terras do paiz.

E' justo.

INTERESSES LOCAES

Muzeu municipal

Lemos ha dias no *Progresso* que por proposta do sr. dr. José Maria Soares, vice-presidente da camara, vae ser creado em Aveiro um muzeu onde se guardem e exponham um grande numero de objectos preciosos e artisticos, que por ahi ha dispersos e em risco de desapparecerem e se anniquilarem.

Em verdade tem a maior utilidade um muzeu, que além de chamar a attenção dos vizitantes sirva de elemento de educação do nosso meio, conserve e guarde muitos objectos de valor artistico que por ahi se andam perdendo.

Não conhecemos os termos da proposta do sr. dr. Soares, mas nem que não façamos mais que repetir o que esteja dito e ponderado, nós deixaremos de lembrar que a par da secção de archeologia se abra uma outra ou mais secções, onde a pouco e pouco, se vão reunindo os modelos dos instrumentos agricolas, piscatorias e industriaes tradicionalmente empregados nas explorações e trabalhos mais caracteristicos do districto.

Ha por exemplo na nossa ria uma grande variedade de typos de barcos, entre os quaes sempre se tornam interessantes os nossos moliceiros. Desde a caçadeira minuscula e da bateirinha chata do rio dôce, até ao mercantel e saleiro, todos os typos são dignos de observação e despertam curiosidade ao vizitante, ao estudioso, ao ethnografo e ao artista.

Na exploração das nossas salinas e na pesca nas nossas aguas, empregam-se apparelhos variadissimos de que o vizitante difficilmente póde fazer uma ideia ou adivinhar se os não vir colleccionados e numerados n'um muzeu.

Além d'isso, se edificio competente se conseguisse para esse fim o que diga-se a verdade não é muito facil, poderia-se e seria isso da maior vantagem, reunir tambem alguns exemplares e amostras dos nossos principaes productos mineraes, agricolas, e industriaes, estampas, gravuras e photographias dos mais bellos e atractivos pontos do districto, monumentos, antiguidades, costumes e paysagens.

Dirá a má lingua indigena incapaz de uma ideia, mas sempre apta a estorvar todas as boas iniciativas que ahi surjam, fóra do mesquinho ambito das invejas e intrigas comesinhas, que o muzeu se volveria em armazem de *pêle-mêle*.

Mas nada d'isso, pois que tudo teria o seu logar e o seu particular interesse. O muzeu municipal tornar-se-ia assim multiplamente attrahente e serviria ao mesmo tempo para dar a conhecer tantas bellezas que ha no nosso districto completamente ignoradas e desprezadas, serviria ainda de estimulo industrial, incentivo educativo e esthetico para as nossas populações.

Um muzeu de arte simplesmente, que é contudo da maior utilidade, ficaria talvez muito pobre e despido, embora no nosso districto haja preciosidades de inestimavel valor como aquellas que figuraram na riquissima exposição districtal ha annos ahi realisada e de que quem estas linhas escreve tem conhecimento por um magnifico album, que possue na pessoa de sua familia, de phototypias da casa Biel, reproduzindo as photographias dos objectos expostos e que vêem acompanhadas de interessantes notas do sr. Marques Gomes.

Mas com certeza d'esses objectos poucos hão de vir a figurar no muzeu, que sendo conjunctamente ethnologico se tornará muito mais util e attrahente sem inconveniente algum.

Mas isto não é fazer reparos; é apresentar ideias, apresentar alvitres que nunca são de mais quando não servem de estorvo e nascem só da boa vontade.

Aveiro e os seus arredores podiam ser muito visitados, e hoje a convergencia de forasteiros e touristes é uma grande fonte de riqueza e desenvolvimento, se nós offerecessemos mais commodidades nos hoteis, transportes e viação e se tornassemos conhecidas as nossas riquezas, as nossas paysagens, as nossas curiosidades.

Mas com a sua indolencia nativa nem sequer a tendencia para a publicidade e para a exploração das mais faceis e agradaveis fontes de riqueza o nosso povo e o nosso meio possuem!

Ora tudo o que n'este sentido se fizer, pelo bem da terra e educação do nosso povo, é digno de applauso e incitamento.

Nos lhe daremos sempre o nosso appoio e se alguma vez tal nos fôr possivel não deixaremos de prestar a estas boas iniciativas o nosso humilde concurso.

A camara municipal se tomar a peito a ideia do seu vice-presidente será digna do auxilio da cidade e muito mais das raras pessoas cultas do meio aveirense.

* * *

Hotel

Não foi aqui onde primeiro se fallou na necessidade de abrir em Aveiro um hotel que possa offerecer um certo numero de commodidades que os existentes estão longe de possuir e que satisfaça as exigencias dos nossos vizitantes e das pessoas que em virtude das suas occupações e empregos na cidade aqui teem de demorar em hospedagem.

Comtudo nós já louvámos a ideia e hoje voltamos ao assumpto para chamarmos para elle as attenções e para que se não deixe no esquecimento um assumpto de tanta importancia.

Biblioteca

A pár do muzeu, porque se não ha de fundar tambem uma biblioteca publica municipal?

Ha tempos a Associação Commercial pensou no caso, mas em condicções que nos pareceram sempre pouco viaveis, embora aqui sobre isso nada dissésemos, e que naturalmente suscitavam algumas rezervas.

Na verdade concorrer-se para uma biblioteca que ficava pertença de uma Associação que por melhores que sejam as suas intenções póde de um momento para outro desappareçer, o que determinaria a inclusão do seu espolio na fazenda nacional e o consequente risco da cidade perder o que tanto sacrificio lhe teria custado, não pareceria a ninguem obra segura.

A biblioteca de que tanto se carece n'esta cidade deve ser pertença do municipio. Fundando-a, a camara appella para todas as entidades que para esse melhoramento tão sympathico possam concorrer e estamos certos de que muita gente ha de haver a auxiliar o municipio com enthusiasmo e de que a propria Associação Commercial e mais associações da cidade n'isto se hão-de impenhar com boa vontade e sollicitude.

A proposito lembramo-nos do que pelo deputado republicano sr. Feio Terennas foi presente ao parlamento um projecto de lei sobre a creação das bibliotecas municipaes, seus fundos e administração, mas que lá jaz sem ter ainda sido submettido á discussão.

Mas, ainda que esse projecto viesse a ser approvado, o que não é provavel visto que é util e sahiu d'um republicano, nem por isso nós fariamos mal em lhe levarmos a deanteira por iniciativa propria.

Voltaremos a estes assumptos, que são da mais subida importancia para Aveiro, com toda a isempção partidaria com que n'esta secção de ligeiras notas se tratam os interesses locaes.

Agressão

Parece que por motivo da questiuncula lyceal que ahi anda acesa e que mereceu do sr. Casimiro d'Almeida Barreto, aplicado alumno d'aquelle estabelecimento, uns reparos que fez publicar na imprensa, foi na ultima segunda feira este nosso amigo traiçoeira e cobardemente agredido por alguns companheiros, quando á noite recolhia a casa, do que resultou ficar com alguns ferimentos na cabeça e no rosto.

O caso foi participado á policia.

LEIAM, LEIAM

«Jayme de Magalhães Lima devia estar calado, porque Jayme de Magalhães Lima é um **attentado permanente,** quer aos principios liberaes, quer aos interesses da terra. Em volta de Jayme de Magalhães Lima só se pódem juntar os **especuladores, os reaccionarios ou os brutos».**

. . . .

«Em volta de Jayme de Magalhães Lima póde estar o *Mijareta*, porque, **além de ser pau para toda a obra,** não tinha d'onde esperar cõdea senão d'alli. Não a tendo obtido dos progressistas, onde a foi procurar **depois que deixou de ser republicano,** para onde virar-se, senão para o grupo do morgado do Carmo?

(*Povo de Aveiro*, fevereiro de 1903).

Parlamento

Abriram ante-hontem as duas camaras electivas que haviam sido adiadas em janeiro.

Por quanto tempo se prolongarão. não o sabemos nem isso é facil de calcular, visto que todos os dias estão a surgir imprevistos. No entanto é symptomatico o que já se diz e com insistencia corre: que o governo pensa n'uma dissolução.

Depois do que se tem passado, falta vêr mais essa.

Prevenções

Durante o julgamento do *Pulha d'Aveiro*, alem da policia fardada e á paisana que coalhava o Largo Municipal, como dissémos no nosso numero anterior, esteve tambem de prevenção no quartel, prompta a sahir á primeira voz, uma força de 30 praças de infanteria que afinal não foi precisa.

Conde d'Agueda continua d'esta maneira a mostrar a sua dedicação pelo typo mais abjecto que hoje móra em Aveiro e que é mesmo como quem diz pelo *corno e pela ferradura*.

Que lhe preste...

Feira de Março

Por coincidir este anno com a semana santa ficou adiada para 2 de abril a abertura de este mercado cuja duração é de 15 dias.

Consta nos que ha poucos concorrentes.

Porque rompêmos com Jayme Duarte Silva, que nos venerava, que nos adorava, que nos idolatrava, que exgotou todo o seu vocabolario de adjectivos pomposos a elogiar-nos? Porque Jayme Duarte Silva, depois de ter fundado um jornal republicano, adheriu aos francacos completamente. Porque Jayme Duarte Silva, depois de ter dito que os da *camara do commercio*, e os que faziam causa commum com elles, eram uma **corja de pulhas**

podendo ser ámanhã uma **quadrilha de ladrões** passou a fazer parte da *camara do commercio*, e a ser creatura servil de Domingos José dos Santos Leite. Porque Jayme Duarte Silva praticou, como Domingos José dos Santos Leite e os restantes, **uma apostasia revoltante.**

(Do *Povo de Aveiro*).

Livros, Revistas & Jornaes

«A'lerta»

Com este titulo começou a publicar-se em Torres Nóvas um novo semanario republicano de cuja redacção fazem parte os srs. drs. Santos Moita e Dantas Baracho Junior, este muito conhecido em Aveiro onde frequentou o lyceu.

.gouramos ao illustre combatente longa vida e prosperidades.

«Archivo Democratico»

Recebemos o n.º 14 d'esta publicação semanal, superiormente dirigida pelo sr. dr. Agostinho Fortes.

Faz-se acompanhar d'um bello retrato do grande pensador Thiophilo Braga, em *separata* e entrecalladas no texto publica ainda duas magnificas gravuras, sendo uma do deputado belga Léon Furnemont e outra do nosso malogrado collega da *Voz da Beira*, dr. Pessoa Ferreira, recentemente fallecido em Magualde.

E', como todos os outros, um bello numero digno de se guardar.

«A Vanguarda»

Annuncia-se para depois d'ámanhã a reapparição d'este antigo jornal rerepublicano que continuará a ser dirigido pelo nosso presado amigo e grande patriota, sr. dr. Magalhães Lima.

Seja bem vindo.

«A Lanterna»

Temos presente o n.º 35 d'este opusculo semanal de inquirito á vida religiosa e ecclesiastica em que Paulo Emilio trata, com o criterio que o distingue, da guerra que está sendo feita pela chamada *bôa imprensa* á realisação das festas commemorativas do centenario de Herculano.

Achamo-lo de primeirissima ordem

Falta de espaço

Por este motivo muito nos fica hoje que dizer.

Precisamos de conversar mais com o sr. padre Jayme Silva que ámanhã, como de costume, préga em S. Gonçalo.

Este reverendo já abateu as suas furias democratofogas, mas sobre elle nos chegaram informes curiosissimos que se nao hão de perder.

Sobre o director da *Beira Mar*, rev.º Salomão, que anda cada vez mais interessante com varias historias, entre ellas a do *professor revolucionario*, infame perseguição que aqui tambem ha de merecer considerações de varia especie.

Ao *Progresso* tambem temos que dizer a respeito do *jornalista Hervé*.

Por o mesmo motivo nos não referimos a varios actos partidarios e á notavel conferencia de José Relvas, sobre economia agricola nacional, no *Centro Commercial do Porto*.

Nada esqueceremos, comtudo.

Correspondencias

Pedrogam Grande, 2.

Não estará este pobre povo farto de ver que nada tem a esperar dos homens que aqui dirigem a politica monarchica, e que so o conhece quando se trata de eleições?

Está farto, não resta duvida; e quando o nao estiver, pense um pouco na situaçao da nossa villa, que lhe saltará á vista que se tem deixado illudir pelos *grandes politicos* que depressa esquecem o voto que lhes é dado com a esperança de que se consigam melhoramentos, ou o bem estar da naçao, porque nos é dado pugnar.

O voto, bem sabemos, é tudo para estes figurões; mas apesar de só votar quem elles querem, ainda alta noite, se franqueiam as adegas e lá se attrahem aquelles que deviam guardar religiosamente a urna, para que, bandidos politicos, completem a burla que depois se mascára com o nome de *votação*!

E' preciso que o povo tenha interesse pelos nomes a quem dá o seu voto!

E' preciso que o povo comprehenda que nada tem a esperar da monarchia!

Se alguem céde o seu voto porque algum politico lhe dá trabalho, não é isso razão, porque não ha interesses que esmaguem o direito! O povo tem o direito e o dever de votar em quem a sua consciencia lhe disser, e contra isto ninguem póde impôr-se!

A monarchia já deu as suas provas de incapacidade no governo da nação. Hoje é o partido republicano, partido de força e de ordem, que está destinado a realisar o levantamento do paiz e nenhum outro tem hoje elementos para o fazer com mais provabilidades!

O dever de quem quizer vêr resurgir a nossa terra, é, não só prestar todo o seu appoio ao partido republicano, como **não dar nunca o seu voto** a entidades que não sejam por este partido recommendadas.

Um pedroguense.

Cacia, 24.

Principiaram os sermões da quaresma e com elles a mesma gritaria, a mesma imposiçao ao pobre povo para que compre as *bulas* que Nosso Senhor manda do céu sem o que não pode comer carne, como se d'ella já não estivesse privado pela falta de recursos e de ganhos, cada vez mais escassos por causa da grande crise de trabalho que atravessamos.

O que nos resta vêr é se ainda este anno será preciso mais dinheiro para opas e se o sr. prior e Amaro Emilia estão nas mesmas disposições de ameaçarem com o tribunal todos aquelles que o não tenham para essas inuteis despezas.

—Falleceu n'esta freguezia, no dia 18, apoz longo soffrimento, o sr. Manoel José Caetano, educador primoroso de seus filhos e um caracter bom e generoso.

A todos os que o pranteiam, sobre tudo a sua desolada esposa, os nossos sentidos pezames.

—O inverno que por poucos dias nos havia deixado, voltou de novo, retendo em casa os lavradores, pelo que se acham bastante atrazados os trabalhos da epocha.

O rio Vouga tambem engrossou de novo indo alagar os campos marginaes e estragando as sementeiras que da ultima grande cheia já haviam soffrido bastante.

—O homem a quem ha tempo sahiu a sorte grande continua a dar que fallar pois que, não contente com as tropelias praticadas, anda de novo a ameçar a filha de morte, do que julgamos necessario pedir providencias ás competentes auctoridades.

Esse homem é um homem perigoso para todos os effeitos, que urge metter na ordem, internando-o, se tanto fôr preciso, n'uma casa de saude

C.

*

S. João de Loure, 1.

Foi aqui muito sentida entre os nossos correligionarios a morte dos srs. Francisco Antonio de Moura e Sertorio Affonso, os dois evangelisadores da causa republicana em Aveiro.

Em nome de todos envio ás familias enlutadas sentidos pesames.

= Ha mais d'um mez que se encontra em deploravel estado a estrada da Velha da Coja, que vae direita á egreja, pelo que pedimos as necessarias providencias a quem compete.

= Com o temporal dos ultimos dias resultou cahir uma ribanceira do sr. Antonio Andrade, na rua da Pedreira, achando por isso interrompido o transito de carros.

= Já aqui se encontra a sr.ª D. Maria José Varella de Brito, professora distincta, que vem reger a cadeira primaria d'esta freguezia.

= Teve a sua *délivrance* a esposa do nosso correligionario Antonio José da Silva, a quem felicitamos desejando ao neophito muitas felicidades.

C.

Expediente

Em virtude de estarmos procedendo á cobrança das assignaturas d'este jornal, rogamos a todos os nossos assignantes a quem forem apresentados os recibos de pagamento ou que tenham aviso das estações do correio para os irem satisfazer, o favor de não os deixarem vir devolvidos, pois que isso não só nos acarreta maior despeza, como ainda nos transtorna sobremodo a escripturação que desejamos trazer quanto possivel em dia para evitar um certo numero de faltas que ás vezes se dão sem motivo que as justifique.

A'quelles que já satisfizeram enviando-nos a importancia em estampilhas ou vale, os nossos agradecimentos.

*

No Pará e Manaus, Estados Unidos da Republica do Brazil, são, respectivamente, nossos representantes e portanto encarregados de receberem as assignaturas, os snrs. João José Nunes da Silva, rua Nova de Sant'Anna, 89 e Manuel Taveira Coutinho.

CACIA

Agradecimento

Manuel Caetano Valente, José Simões Valente, Antonio Caetano Valente, suas irmãs, cunhados e cunhadas, cumprem o doloroso dever de agradecer a todas as pessoas que tomaram parte na ceremonia de trasladação das ossadas de seus Paes para o jazigo de familia, não deixando de especialisar o seu bom amigo, sr. padre Manuel Simões, e bem assim a sr.ª D. Joanna Marques da Costa.

A todas, pois, o seu eterno reconhecimento.

Sarrazolla, 1 de março de 1910.

"O DEMOCRATA„

Encontra-se á venda nos seguintes locaes:

AVEIRO

Veneziana Central—Arcos.
Kiosque Souza—Praça Luiz Cypriano.

LISBOA

Tabacaria Monaco—Rocio.
Kiosque Elegante—Rocio.
Tabacaria Julio Neves—Calçada do Carmo, 5.
Tabacaria Neves—Rocio.
Tabacaria Marécos—R. do Principe, 124.
Havaneza Central—Rocio.
Tabacaria Portugueza—R. da Prata, 16.
João Teixeira Fragão—R. do Amparo, 52.
Tabacaria Ingleza—Praça Duque da Terceira, 18.
Manuel Gomes Geraldo—Calçada da Estrella, 111.
Kiosque Flôr da Esperança—Rua D. Carlos I.
Tabacaria Ponte Ferreira—R. Conde de Redondo, 133.

PORTO

Agencia de Publicações—R. do Laranjal.

ESPINHO

Kiosque Reis.

COIMBRA

Tabacaria Central—Rua Ferreira Borges.
Fernandes Vaz—Rua do Infante D. Augusto.
Agencia de Publicações.—Rua da Sophia.

ALCOBAÇA

José Narciso da Costa.

Montemor-o-Novo

José Maria da Costa Corvo.
Domingos José de Mattos

Figueiró dos Vinhos

Mercearia Carlos Liborio.

AVIZ

Bemjamim Victorino Ruivo.

NIZA

João Thomaz de Faria

Vianna do Castello

Kiosque da Praça da Rainha.

Faro

Tabacaria Central,

Chaves

Livraria Mesquita.

Vila Real Traz-os-Montes

Joaquim Rebello de Araujo—R. Direita.

Portalegre

Silvestre Maria Bolou.

Figueira da Foz

Barbearia Manuel Palhas

Villa Franca do Xira

Joaquim Vidal Junior.

Aljustrel

Manuel Brandão

Coruche

Manuel Baptista

Vizeu

Herculano de Lemos Figueiredo
José Gomes Aiface

Arronches

João José da Cunha Moraes

Aldegallega

Aurelio J. Cruz

Gouveia

Miguel dos Reis

Setubal

Tabacaria José Tavares—Praça do Bocage, 39.

Villa Real de Santo Antonio

Agencia de Publicações de Amancio Ribeiro.

Moita

Antonio Guedes Pinto de Figueiredo.

Beja

José Pinto Guedes de Paiva.

Santarem

Joaquim d'Oliveira Baptista.

Cezimbra

Antonio Affonso Coelho.

Castello Branco

José Diogo Taborda.

Pinhel

Victor P. de Mattos.

Elvas

Jayme Marques, R. da Carreira

Castro Verde

Nobre Gonçalves

Castello de Vide

Francisco Borg[illegible] Tristão.

Covilh

Antonio J. de Souza.

Alcaçovas

Francisco Antonio de Campos.

EVORA

José Bolêto—Rua Sellaria, 31.